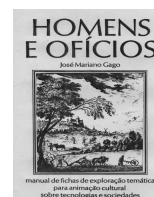


HOMENAGEM/ARQUIVO MARIANO GAGO

Espaços de Formação em Portugal



1. Sobre a sua atividade de Educação de Adultos e no PNAEBA;
2. Atividades com/sobre a Animação Sociocultural;
3. Mobilização de adultos para a exposição *De que são feitas as coisas?*

Em 1978 JMG volta para Portugal. Manuel Lucas Estevão, então Diretor-Geral da Educação Permanente, conhecendo a sua atividade de Educação de Adultos em Paris e em Genève, propõe-lhe apoiar as atividades que a Direção-Geral então desenvolvia.



Acordam uma proposta de reedição do livro *Homens e Ofícios*, de que acabam por ser feitas mais duas edições com um novo Posfácio, já com a marca das atividades realizadas em Portugal.

...o que é importante é a ação das populações; é esse o único critério de ed. permanente: a apropriação, pelos próprios, do seu tempo de seu espaço, das suas técnicas, etc.

Ainda em 1978 realizou-se na Praia Grande um curso de formação em Educação de Adultos destinado aos futuros coordenadores distritais onde JMG esteve presente. Nas suas notas consta uma perspetiva de Educação de Adultos moderna e de grande respeito pelas populações.

Temas "Alfabetização das populações", etc.

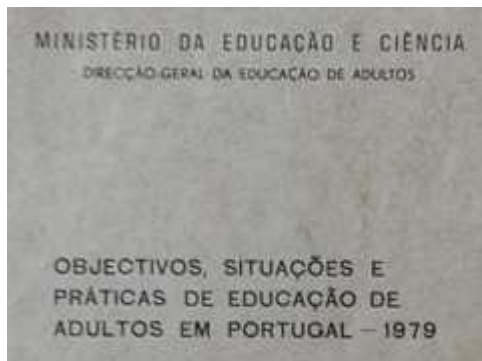
- ação continuada e não só inicialmente pontual.
- desvalorizar a educação de adultos (descolagem)
- actividades multilínguas, etc. - - q. contextos plurilingues, etc. - unidade da unidade de vida;
- a aprendizagem
- alfabetização - tema de maior ligação a quem a estiver a aprender

Fez ainda a formação em Matemática para contextos de alfabetização colocando os formandos a trabalhar com o sistema sexagesimal macedónico, criando assim distanciação do nosso sistema para se perceberem as dificuldades de quem o está a aprender.

Em 1979, Manuel Lucas Estevão solicita-lhe apoio para a redação das recomendações pedagógicas do PNAEBA (Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base dos Adultos). Responde-lhe que "não sabia, nem saberiam os outros membros da equipa porque... ter-se-ia de estudar o que se fez, com sucesso, em Portugal, nos anos 70 e que muitos grupos continuavam a fazer por todo o país." Seria necessário estudar, investigar aquilo que aconteceu, que se realizou.



Na Portaria 419/76 de 13 de Julho dizia "quando aos meios pedagógicos e didáticos de atingir essas metas, considera-se que, a ausência actual de uma teoria da educação de adultos no nosso país requer uma fase de livre experimentação...". Foi autorizada essa pesquisa e, em 3 meses, a equipa realizou o primeiro estudo de natureza sociológica sobre a Educação de Adultos em Portugal.

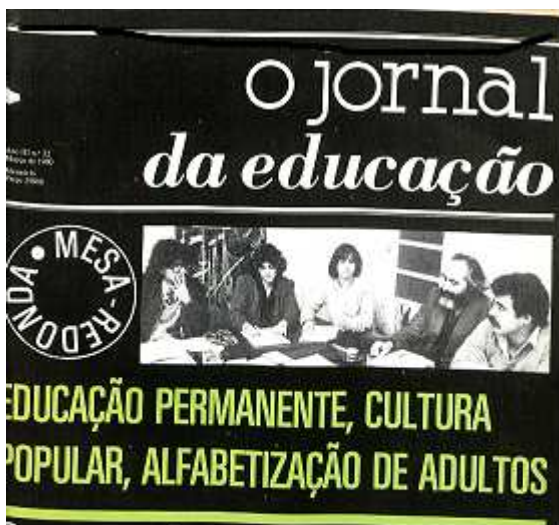


ção:

Nesse tempo, para além de um questionário enviado a todas as instituições inscritas na DGEP, foram feitas entrevistas em profundidade, a 35 animadores /professores envolvidos em atividades de educação de adultos, distribuídos por todo o país, considerando, alguns deles, que este convite para serem ouvidos construiu o maior apoio que o Estado lhes deu, pelo reconhecimento. JMG sabia ouvir e aprender a partir do que ouvia. Pouco depois, em Março de 1980 dizia numa longa entrevista concedida ao Jornal de Educa-

Estudo elaborado por:
Ana Benavente
Karin Wall
José Mariano Gago
Lucília Salgado

“De facto, há um largo movimento de projetos e de ações de educação popular de base depois do 25 de abril que formam, de certo modo, um movimento social de educação permanente; não se restringem a uma categoria particular com certas habilitações, não se fecham entre as quatro paredes de uma escola, mas aparecem como formas alargadas de vida social em movimento, apropriando-se de novo espaços e, por isso mesmo, educativas.



Os *Jornal da Educação*, de março e abril de 1980 trazem uma longa entrevista feita por Afonso Praça a JMG, Ana Benavente, Madeira Luis, Orlando Garcia e Lucília Salgado.

Tinham encontrado a força social (que não era mais do que a sua vitalidade e criatividade) para levar ao aparelho de Estado a ideia de uma outra maneira dos serviços públicos trabalharem ligados às pessoas, de serem educativos, de abandonarem, inclusivamente, a linguagem dos formulários, e de adquirirem a linguagem das pessoas que a eles se dirigem.”



E mais adiante: *“Porque, na realidade, toda a gente sabe que se aprendem coisas fora das escolas sem que tal pareça tornar necessária uma atividade específica nesse campo... Não se aprende a falar, nem a andar, nem a comer nas escolas; aprender a falar é uma atividade social exterior a qualquer aprendizagem formal. O mesmo se passa com a maioria das profissões, ainda que, aí, as aprendizagens formais – não sendo tudo – possam contribuir significativamente. Naquilo a que chamamos educação permanente, educação popular, o que é importante não são tanto as coisas, os conteúdos que se aprendem que são, pelo contrário, o essencial numa certa ótica da escola. Por isso, nunca falamos em educação*

permanente em termos de disciplinas. Não se trata desse tipo de aprendizagem formal da História, da Geografia, etc. Educação Permanente tem sempre a ver com a aprendizagem de práticas.



Numa frase: Educação Permanente é verbo, e Educação Formal é substantivo.



O meio da cultura popular está divorciado dos intelectuais

O movimento de cultura popular, para se desenvolver, apela para indivíduos colocados em posições de ligar e relacionar diferentes áreas culturais e de desenvolver meios de expressão alargados. Por outro lado, movimentos que nos intelectuais procuram estudar a realidade portuguesa são particularmente deficientes. O que se passa no domínio artístico passa-se em quase todos os domínios. As Ciências Humanas em Portugal, estão no seu princípio e a Etnologia, por exemplo, poderia constituir um dos espaços de intervenção de participação dos intelectuais na própria educação popular de base, renovando, pelo desenvolvimento de formas de pesquisa

participada, a própria atividade científica. Mas, por enquanto, ainda se trata de um projeto a fazer.

(...) Gostaria de levantar uma questão. Nos trabalhos de terreno que fizemos no âmbito dos estudos preparatórios para o PNAEBA, um dos pontos que nos apareceu com bastante força, foi o de que, ultrapassado aquele horizonte limitado das motivações “reconhecidas”: “estamos aqui a aprender a ler e a escrever para tirar o diploma da 4ª classe, etc.” –isto é, aprofundado o quadro das motivações reais de carácter cultural que estão na base do entusiasmo e da participação em ações de educação populares verificou que essas motivações apontavam para domínios de grande riqueza social e podiam constituir polos de transformação social muito importantes. Simplesmente, o seu desenvolvimento exige uma resposta que não se encontra localmente. Serve de exemplo o que se passa no domínio da recolha local de Etnologia. Muitas pessoas dirigem-se às instituições que conhecem dizendo “nós na terra, quisemos construir um pequeno museu, começamos a fazer uma recolha de instrumentos musicais locais, e simultaneamente fizemos uma escola de música para os miúdos”. Também houve um grupo de Arqueologia que se formou, há muita gente dinamizada para isso: “Podem dizer-nos o que devemos fazer?”. Duma maneira geral este pedido é entendido pelos serviços apenas como justificação de uma solicitação financeira, de um subsídio que será eventualmente concedido à associação. Realmente o pedido não era esse, mas a riqueza cultural da solicitação é assim, efetivamente, desencorajada. (...).

No período entre 1978 e 1982, JMG publicou no JORNAL DA EDUCAÇÃO vários artigos onde desenvolve o seu pensamento no campo da Educação Permanente nomeadamente na relação com as perspetivas escolares e com a relação com as culturas populares e comunitárias. Vale a pena conhecer pela atualidade que têm para os dias de hoje. (2018)

Átomos Moléculas
 Núcleos e Partículas
 Matéria e Antimatéria
 Radioactividade e Energia Nuclear
 Luz Hologramas
 FILMES, OBJETOS, DESENHOS
 APARELHOS E EXPERIÊNCIAS EM FUNCIONAMENTO

EXPOSIÇÃO
De que são feitas as coisas?
 Conferência Internacional de Física de Altas Energias
 Sociedade Europeia de Física - Sociedade Portuguesa de Física
 CERN (Organização Europeia de Pesquisa Nuclear)
 INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
 LISBOA 8-20 JULHO 1981 - ENTRADA LIVRE

J.M. — Quase não há programas de divulgação cultural, ou de acção cultural, no domínio científico. Isto é particularmente evidente na TV, na Rádio, nos jornais, onde são raras as rubricas que respondam à curiosidade científica, que apelem para o «faça você mesmo», que dialoguem com as representações populares que têm por objecto os fenómenos naturais, a tecnologia. Mas, por outro lado, e como se fosse um autêntico índice de, sei lá, sentimento de impotência social, de aceitação sem esperança nem combate do que existe, como se de uma fatalidade se tratasse que nos não incumbe discutir, proliferam as técnicas imaginárias de (não) controlar a realidade: os OVNIS, os fenómenos «parapsicológicos», o domínio dos signos e dos «biorritmos»,... Ano após ano tenho alunos que me vêm entregar recortes de jornal e que pedem explicações sobre estes temas, quase os únicos que encontram na Imprensa como resposta à curiosidade e ao desejo real de saber.

Exposição no IST,

em Julho:

“De que são feitas as coisas?”

Vai ser uma exposição «activa» como você nunca viu sobre isso mesmo: de que são feitas as coisas? O papel, a água, o sal, as estrelas, a luz, a carne e o peixe, o fogo, a terra e o ar, nós próprios, de que somos feitos?

Por ocasião da Conferência Internacional de Física de Altas Energias, da Sociedade Europeia de Física, que se realiza em Lisboa no mês de Julho, a Comissão Organizadora da Conferência promove, no Instituto Superior Técnico, uma exposição sobre a estrutura da matéria, partindo da nossa experiência quotidiana e alargando-a pelas técnicas mais sofisticadas da pesquisa científica até às partículas elementares de que tudo é feito e às interrogações sobre a matéria.

Haverá aparelhos e experiências em funcionamento onde o público será solicitado a mexer, a pôr questões e a sugerir alternativas, além de painéis e textos explicativos, filmes, debates.

Concebida como ocasião de troca de ideias e de interações entre o grande público e os físicos presentes, a exposição vai ser ponto de encontro, uma espécie de «café de embarque» para o voo moderno destas novas viagens de Gulliver ao interior da matéria.

Átomos e moléculas, electricidade, núcleos de radioactividade, a luz e as cores, simetrias, partículas elementares — são algumas das coisas da exposição que inclui ainda uma grande zona sobre a actividade de investigação científica do CERN (Organização Europeia de Pesquisa Nuclear), de Genebra, com maquetas e aparelhos em funcionamento. Haverá mesmo uma câmara de falsas, onde se vêem os raios cósmicos que nos atravessam em todos os segundos...

Quem são os cientistas, para que serve a investigação fundamental e como está hoje organizada, que tem o cidadão comum a ver com a cultura

científica viva e de que forma nela participa? São também questões a abordar em debates que decorrerão durante a exposição. Previsto ainda um fim-de-semana especial para associações e animadores culturais sobre «Cultura científica e acção cultural em Portugal».

Se a ciência e a técnica sempre o interessaram, já o leitor estará a contar os dias que faltam até à abertura, a 8 de Julho. Mas sobretudo se sempre teve a convicção de ter barreiras à ciência, opere-se, porque vai certamente descobrir como a ciência pode ser outra coisa: viva, compreensível, feita por gente normal.

Escolas, associações, empresas, colectividades, etc., interessadas numa participação especial (visitas guiadas, apresentação de material, etc.) deverão contactar os organizadores da exposição, para o prof. José Mariano Gago — Av. Prof. Gama Pinto, 2, 1099 Lisboa Codex, com os telefones 773225 e 773338.

Karin Wall realiza um estudo sobre o Público que visitou esta exposição onde dá conta da participação de pessoas de todo o país e de várias idades e de profissões: de professores a operários e domésticas, para além de estudantes. (Jornal da Educação nº 46 de Julho de 1982. (ver documento anexo).

É ainda de salientar a importância que JMG atribui ao **Associativismo** e ao seu papel no desenvolvimento educativo, das pessoas, das comunidades, do país.

(...) O coração da cultura bate ao ritmo da prática humilde das bibliotecas de bairro, dos grupos de alfabetização, dos grupos corais, do teatro amador e dos pequenos cineclubes; vive do sangue e do esforço de quem se junta e age, sem ficar à espera que alguém se resolva, talvez um dia, a mudar o mundo que nos diz respeito. (...)

JMG (1978) *Homens e Ofícios*



Quando se começou a desenvolver o uso de computadores perguntei ao JMG o que iria agora acontecer ao associativismo, se não haveria o perigo das pessoas terem menos necessidade de encontrar. Respondeu-me “Acho que não. Creio que vai aparecer um novo tipo de associativismo. Vamos ter de ficar atentos.”

Não voltei a falar desse assunto com ele, mas hoje compreendo o alcance da sua posição.

Há muita gente que tem informações, opiniões, recordações do José Mariano Gago, por ter com ele participado em atividades de cultura e educação permanente.

Ficamos a aguardar que nos enviem informação para publicar neste arquivo.

Obrigada!